

No condado de Yorkshire, Inglaterra, três casais são abalados pela triste notícia de que George Riley, um amigo em comum, sofre de uma doença terminal e que lhe restam seis meses de vida. De forma a aliviar a dor de George e proporcionar-lhe alguma alegria nos últimos meses, os seis decidem convidá-lo para se juntar ao seu grupo de teatro amador. O que ninguém esperava era que aquela aproximação fizesse vir ao de cima muitas histórias do passado que iriam alterar a dinâmica entre cada casal. E as coisas complicam-se quando George – que, no filme, nunca chega a ser visto ou ouvido – resolve fazer uma viagem a Tenerife, Espanha. Cada uma das mulheres, determinada a marcar a diferença na vida dele, quer acompanhá-lo, deixando os seus respectivos maridos em total perplexidade...

Adaptando "Life of Riley", uma peça de Alan Ayckbourn, esta é a derradeira obra de Alain Resnais, o celebrado realizador de "Hiroshima Meu Amor" (1959), "É Sempre a Mesma Cantiga" (1997), "Corações" (2006) e "As Ervas Daninhas" (2009), entre outros. Os actores são uma mistura de presenças regulares e estreantes na companhia do cineasta: Sabine Azéma, Hippolyte Girardot, Caroline Sihol, Michel Vuillermoz, Sandrine Kiberlain e André Dussollier.

Título original: Aimer, boire et chanter (França, 2014, 108 min.)
Realização: Alain Resnais
Interpretação: Sabine Azéma, Hippolyte Girardot, Caroline Sihol, André Dussollier
Produção: Jean-Louis Livi
Argumento: Laurent Herbiet, Alain Resnais (Alex Reval), Jean-Marie Besset
Adaptação de Life of Riley de Alan Ayckbourn
Musica: Mark Snow
Fotografia: Dominique Bouilleret
Montagem: Hervé de Luze
Distribuição: Alambique Filmes
Classificação: M/12
Estreia: 9 de Outubro de 2014



O movimento belo e absolutamente inebriante do filme, que parece avançar em pequenos passos dançantes e em golpes de experimentação voluntários e confusos, consiste em inverter um movimento de fuga e incitação, num turbilhão de interiores, que é em Resnais o prolongamento vertiginoso das cabeças e dos corações.

Cahiers du Cinéma

Um filme jubiloso. A última pirueta de um mágico do cinema antes do seu adeus em cena
Le Monde

Misturando vistas aéreas, ilustrações do desenhador Blutch e cenários de tecidos rasgados onde os actores se movimentam, Resnais fá-los deslizar, e ao seu jogo preciso, numa zona indistinta onde a imaginação do espetador é permanentemente solicitada e onde nada parece o que é. -
Les Inrockuptibles

Com noventa e um anos e ainda no ativo, o lendário autor francês Alain Resnais oferece-nos, em AMAR, BEBER E CANTAR, outra peça de teatro, filmada de forma escandalosamente artificial, a sua terceira adaptação do trabalho do dramaturgo britânico Alan Ayckbourn.

The Hollywood Reporter

Não há duas sem três, para o nonagenário realizador francês Alain Resnais e o seu apego curioso às peças do escritor britânico Alan Ayckbourn.

Variety

Se a ideia do filme é deixar-nos com um grande sorriso na cara e sairmos do cinema a sentirmo-nos bem, depois de aprendermos mais um pouco sobre os nossos semelhantes, então o último filme de Alain Resnais, AMAR, BEBER E CANTAR, faz um trabalho espantoso.

Screen Daily

MORREU ALAIN RESNAIS, UM INOVADOR DE 91 ANOS

Jornal Público - Jorge Mourinha - 02/03/2014

O realizador de HIROSHIMA MEU AMOR e É SEMPRE A MESMA CANTIGA morreu (na noite de sábado) em Paris. Quase um século de cinema à aventura.

Quando o júri do Festival de Berlim atribuiu a Alain Resnais por AMAR, BEBER E CANTAR, (há duas semanas) o prémio Alfred H. Bauer para o filme da competição que abria novas direcções à arte cinematográfica, não faltou quem franzisse o sobrolho: um prémio de “inovação” a um cineasta de 91 anos que adaptava uma peça teatral de modo estilizadamente artificial?

Mas, para quem conhece bem a obra do realizador (falecido em Paris, no sábado, 1 de Março), o prémio Alfred H. Bauer — entregue em anos anteriores, por exemplo, a Miguel Gomes por TABU — fazia todo o sentido.

Desde a curta-metragem sobre os campos de concentração NOITE E NEVOEIRO (1955) e a sua lendária estreia na longa com HIROSHIMA MEU AMOR (1959) até às experiências formais e lúdicas de obras mais recentes como É SEMPRE A MESMA CANTIGA (1997), CORAÇÕES (2006) ou AS ERVAS DANINHAS (2009), Resnais fez sempre questão de olhar para as coisas sob um novo ângulo, de procurar rumos inesperados e originais. De ir à aventura.

Ninguém esperaria, forçosamente, que AMAR, BEBER E CANTAR ficasse como o último filme, o “testamento cinematográfico” do realizador.

Já a sua obra anterior, VOCÊS AINDA NÃO VIRAM NADA (2012), fora recebida como um “adeus”, através da reunião de um grupo de actores que participaram, em momentos diferentes, na encenação de uma peça por um encenador recém-falecido. E o novo filme, adaptando uma peça de Alan Ayckbourn, Life of Riley, conta a história de três casais orbitando uma sétima personagem, amigo comum, diagnosticado com uma doença terminal: uma personagem que nunca é vista nem ouvida, mas que parece dirigir os acontecimentos como um demiurgo antes de morrer.

O elenco do filme presente em Berlim - as atrizes Sabine Azéma, Sandrine Kiberlain e Caroline Silhol e os actores André Dussollier e Hippolyte Girardot - fazendo as vezes de Resnais, que ficara em Paris, não negou que George Riley, o amigo ausente, podia ser lido como um alter ego do cineasta, onnipresente mesmo que invisível. Mas Sabine Azéma, colaboradora regular do cineasta desde a década de 1980 e sua esposa desde 1998, disse ao PÚBLICO que, por

inevitável que fosse, era muito desagradável ouvir falar a cada novo filme de “testamento” cinematográfico. Como se a idade avançada de Resnais fosse mais importante ou mais interessante que a arte que ele produzia, como se estivessem todos à espera que ele morresse, em vez de fazerem o que o próprio cineasta fazia através dos seus filmes: celebrar a vida.

Há que dizê-lo, a morte esteve sempre no horizonte do cinema de Resnais, desde NOITE E NEVOEIRO até AMAR, BEBER E CANTAR – pensemos em PROVIDENCE (1977), o ajuste de contas de um escritor (John Gielgud) com a sua família, ou AMOR ETERNO (1984), sobre um homem que regressa à vida depois de ser dado como clinicamente morto. A seriedade que muitos atribuem a Resnais, contudo, foi-se aligeirando ao longo das décadas.



Contemporâneo da Nouvelle Vague e do movimento do Nouveau Roman, assinou com as suas primeiras longas, HIROSHIMA MEU AMOR (escrito por Marguerite Duras) e O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD (1961, escrito por Alain Robbe-Grillet), dois dos filmes seminais da modernidade cinematográfica europeia de um período contudo fértil em grandes realizadores. A importância e influência de ambos os filmes acabariam por ofuscar as obras — contudo apaixonantes — que viriam a seguir, MURIEL (1963), A GUERRA ACABOU (1966) e JE T'AIME, JE T'AIME (1968).

Depois de uma década de 1970 marcada por dois filmes mal recebidos — STAVISKY, O GRANDE JOGADOR (1974), com Jean-Paul Belmondo, e PROVIDENCE, rodado em inglês com John Gielgud e Dirk Bogarde — Resnais regressou à “primeira linha” com O MEU TIO DA AMÉRICA (1980, que em Portugal esteve longos meses em cartaz no defunto cinema Star) e A VIDA É UM ROMANCE (1983).

A partir de MÉLO (1986), baseado numa velha comédia teatral de Henri Bernstein, o realizador começou a trabalhar (e a subverter) as convenções do teatro filmado e do cinema numa série de comédias só aparentemente ligeiras: o díptico FUMAR/NÃO FUMAR (1993), É SEMPRE A MESMA CANTIGA (igualmente assinaláveis sucessos públicos entre nós), a opereta filmada PAS SUR LA BOUCHE (2003), CORAÇÕES (2006) e AS ERVAS DANINHAS (2009).

Nomeado por oito vezes para os Césares de Melhor Filme e Melhor Realizador, Resnais foi premiado em ambas as categorias por PROVIDENCE e FUMAR/NÃO FUMAR, com É SEMPRE A MESMA CANTIGA igualmente vencedor de Melhor Filme.

Em Veneza, recebeu o Leão de Ouro por O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD, o prémio da crítica internacional por MURIEL e o Leão de Prata para melhor realizador por Corações; em Cannes, O MEU TIO DA AMÉRICA valeu-lhe o Grande Prémio do Júri e AS ERVAS DANINHAS um prémio excepcional pelo conjunto da sua carreira.

AMAR, BEBER E CANTAR, 19.^a longa-metragem de Resnais e terceira adaptada de uma peça do dramaturgo inglês Alan Ayckbourn, foi o seu terceiro filme premiado em Berlim, após FUMAR/NÃO FUMAR e É SEMPRE A MESMA CANTIGA, ambos galardoados com o Urso de Prata da Melhor Contribuição Artística. Mais razões que justificam o prémio “inovação” atribuído ao novo filme: a vontade de celebrar um cineasta que raramente se revelava publicamente e que procurava sempre convidar o público a ir à aventura consigo. Com Alain Resnais, nunca era apenas e sempre a mesma cantiga.